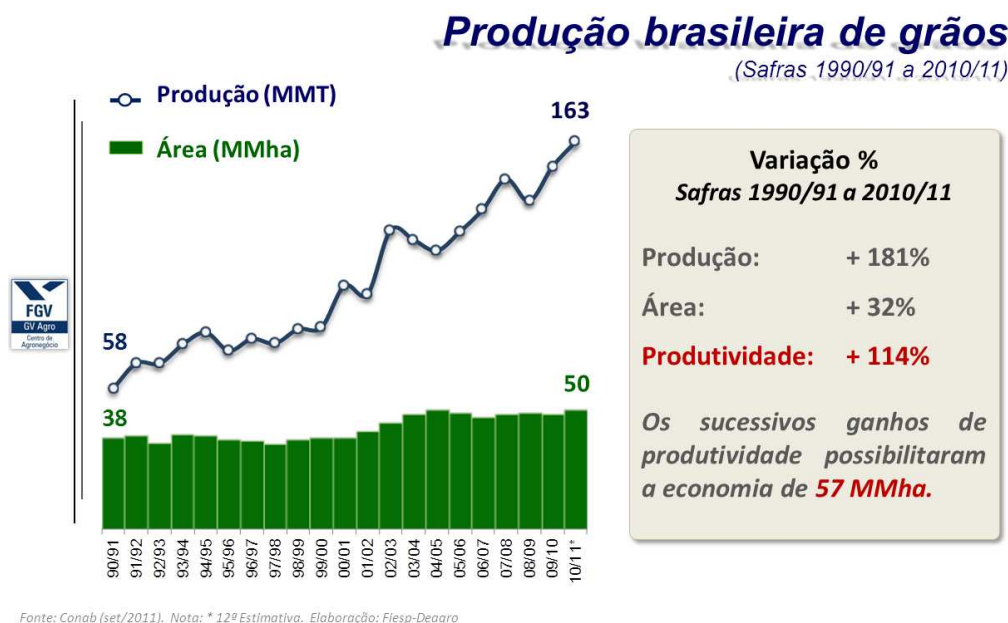


AGROBRASILEIRO: UM NOVO PROTAGONISMO GLOBAL

Os estudos realizados pela OCDE considerando o crescimento da população do mundo e da sua renda nos países emergentes, apontam para a necessidade de crescimento da produção alimentar em 20% nos próximos 10 anos. Mostram ainda que, para este número ser alcançado, o Brasil precisa crescer o dobro, isto é, 40%. Pelo menos 3 fatores estão por trás desta expectativa da séria e respeitada Organização: a tecnologia tropical desenvolvida no Brasil, a disponibilidade de terras e a qualidade dos seus produtores rurais.

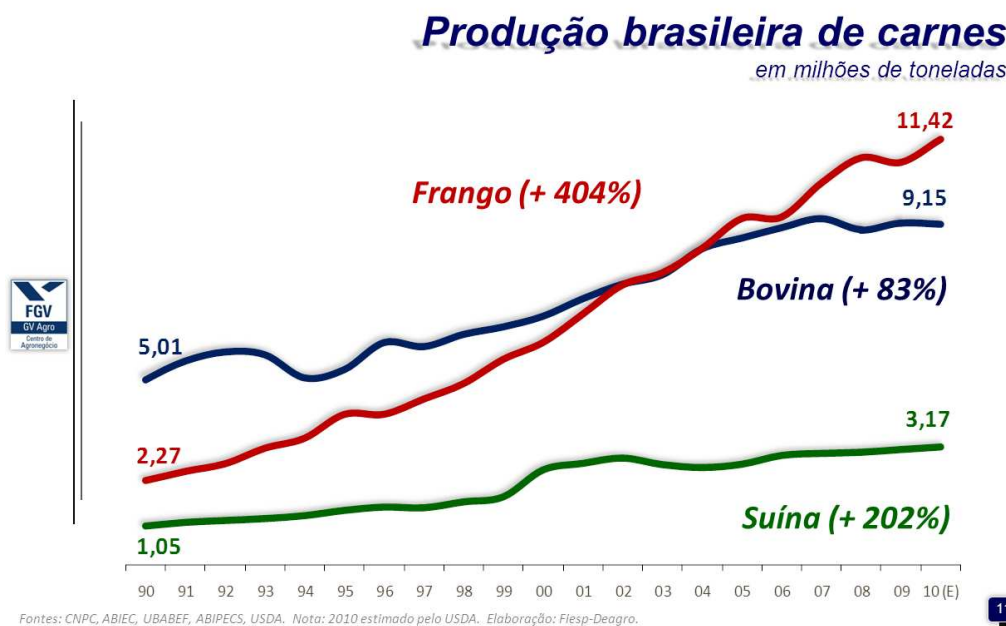
Quanto à tecnologia, basta observar o quadro abaixo para compreender este argumento: nos últimos 20 anos a área plantada com grãos no Brasil cresceu 32%, e a produção, 181%, quase 6 vezes mais. É que a produtividade aumentou espetacularmente com as inovações tecnológicas desenvolvidas nas instituições brasileiras de pesquisa lideradas pela EMBRAPA. Mas por trás deste número há uma questão ainda mais relevante. Se tivéssemos hoje a mesma produtividade por hectare de 20 anos atrás, seriam necessários mais 57 milhões de hectares plantados com grãos, além dos 43 milhões, hoje cultivados para produzirmos a safra atual.

QUADRO 1



É claro que isto não acontece só com grãos. O crescimento das carnes foi notável no mesmo período.

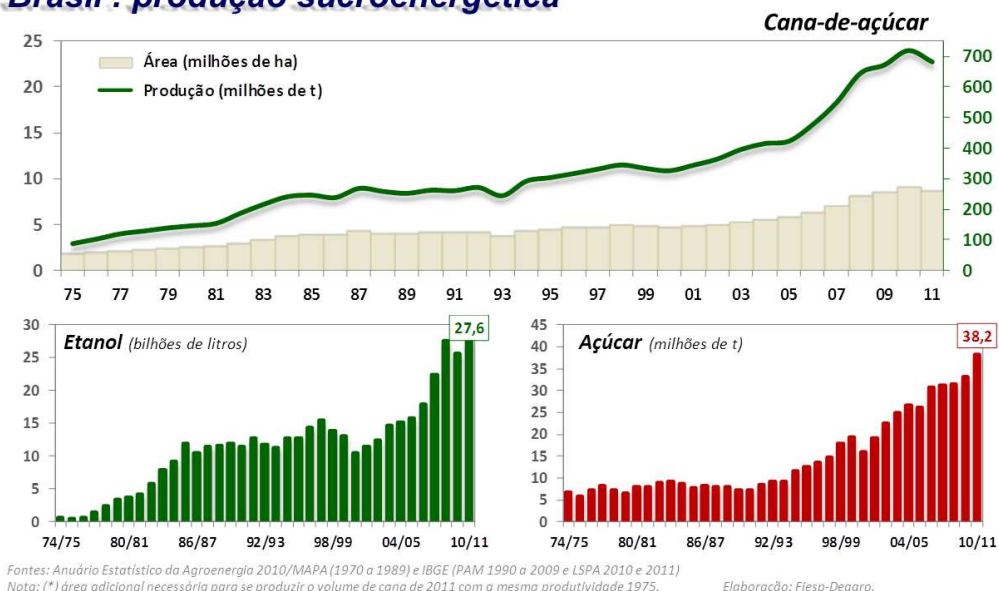
QUADRO 2



O mesmo se pode falar da cana-de-açúcar: se tivéssemos hoje a produtividade do tempo do Proalcool (1975), seriam necessários mais 6 milhões de hectares com cana para produzir uma safra do tamanho das atuais.

QUADRO 3

Brasil : produção sucroenergética



E esta explosão tecnológica segue avançando, seja com a biotecnologia, a nanotecnologia, a agricultura de precisão, a integração lavoura-pecuária, as biodestilarias e os subprodutos do etanol de cana e um sem número de novas técnicas com notável resultado, tanto do ponto de vista da sustentabilidade

produtiva quanto do balanço social para os usuários destes produtos, cada vez mais baratos.

Por outro lado, a disponibilidade de terras é evidente. Dos 851 milhões de hectares do território nacional, só 72 milhões são cultivados com todas as culturas e 172 milhões com pastagens, menos de 30% da área total.

Poucos continentes têm esta disponibilidade para crescer, não obstante alguns constrangimentos de ordem legal que vão sendo discutidos no Congresso Brasileiro, especialmente o Código Florestal e a Compra de Terras por Estrangeiros. Mas é evidente a capacidade de aumentar horizontalmente a área plantada, até mesmo porque, com as novas tecnologias na pecuária, produz-se muito mais carne por hectare, abrindo espaço para a agricultura em pastagens já degradadas.

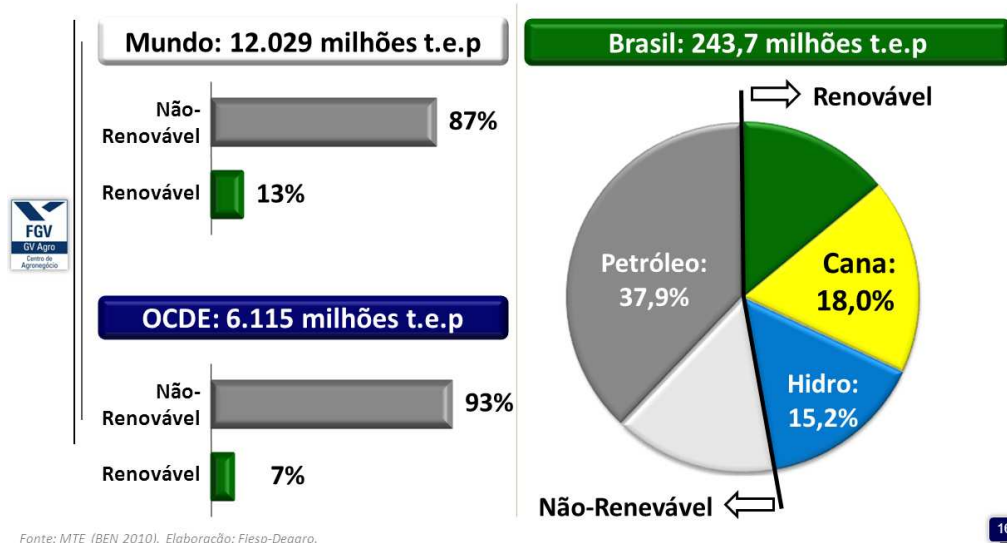
E por último, há a qualificação dos produtores brasileiros. Os sucessivos Planos de Estabilização da Economia, desde os anos 80 do século passado, provocaram forte perda de renda no campo brasileiro, e duas ondas simultâneas os sucederam: uma de exclusão, na qual milhares de produtores foram expulsos da atividade porque não conseguiram se adaptar à economia globalizada altamente concorrencial e à economia interna estabilizada; e outra de competitividade: os produtores remanescentes tiveram que se profissionalizar rapidamente, incorporando novas tecnologias e (principalmente) novas ferramentas de gestão financeira, comercial, ambiental, de recursos humanos, tributários, etc. Isto trouxe ao campo brasileiro uma geração de jovens produtores extremamente capacitados e profissionais.

Estes 3 fatores certamente estão na base dos estudos da OCDE.

Mas há outros: a agroenergia é um deles, com estreita ligação com o tema da sustentabilidade. Basta lembrar que a emissão de CO₂ dos carros a álcool (considerando toda a cadeia produtiva da cana), é de apenas 11% das emissões dos carros a gasolina, o que mitiga fortemente o aquecimento global. Sem falar na matriz energética brasileira, na qual a cana já é mais importante que a hidroeletricidade.

QUADRO 4

Matriz energética (2009) – o exemplo brasileiro



Tudo isso credencia o Brasil a assumir uma posição de liderança para a formatação de um projeto que interesse a toda a humanidade: segurança alimentar e energética sustentáveis. Num mundo sem lideranças individuais ou institucionais é preciso um projeto desta natureza e envergadura que empolgue cidadãos ricos e pobres do mundo todo. Afinal, eliminar a fome é uma necessidade se quisermos promover a paz e a democracia no mundo.

O Brasil pode, sob o comando da FAO, da OCDE e de outras instituições, ajudar a desenvolver tecnologias tropicais na América Latina, na África Subsaariana e na Ásia; podemos ainda levar a estas regiões nossas experiências em organizações cooperativas e em programas sociais como o Bolsa Família.

É claro que outros temas podem ser focados. Na área institucional, por exemplo, a questão do protecionismo agrícola dos países ricos pode ser resolvido, e a Rodada de Doha tem que ser concluída positivamente.

E, no plano nacional, há temas recorrentes, da área da logística e infraestrutura, de políticas de renda que o campo, de políticas de comércio e defesa sanitária. Mas são todos itens de uma estratégia que o país vai desenvolvendo para assumir um papel crescentemente protagonista no cenário mundial da produção de alimentos.

Afinal, basta ver o crescimento das nossas exportações nos últimos 10 anos: em 2000 exportamos 20 bilhões de dólares e em 2010, 76 milhões.

E mais, mudamos os produtos e os destinos, em função dos dados já apontados pela OCDE. E o Brasil vem ocupando seu espaço com muita competência.

Mas pode crescer muito mais, inclusive atendendo à meta de 40% em 10 anos, desde que os pontos referidos sejam atacados com agilidade, competência e determinação.